



Sílvio Ribeiro da Silva\*

## ARTIGO

# Os apostilados como ferramenta de ensino de leitura em Língua Portuguesa

Nos tempos atuais, o sistema de apostilado tem substituído bastante o livro didático (LD), principalmente na rede particular de ensino. Isso vem acontecendo porque o apostilado é considerado mais prático e dinâmico. No que se refere ao ensino do português, por exemplo, cabe fazermos uma pergunta: a maneira como o sistema de apostilado trabalha os eixos de ensino na disciplina Língua Portuguesa vem sendo feita de maneira eficiente, de modo a desenvolver os letramentos do aluno?

Os apostilados se diferem do livro didático porque, em geral, apresentam características como autoria conjunta, coletânea de abordagens que se estabelece pela pluralidade de concepções dos seus autores, confecção destinada a um público específico e reestruturação de acordo com os norteamentos institucionais.

Por mais que o professor seja o grande responsável pela formação do aluno em sala de aula, não há dúvida de que o material didático utilizado por esse aluno exerce forte influência no aprendizado. Segundo o *Guia do Programa Nacional do Livro do Ensino Médio* (BRASIL, 2008), em momento algum o material didático substitui o professor ou suas experiências pedagógicas. No entanto, pode ser um bom referencial para ampliar os trabalhos em sala de aula.

O material didático (apostilado) adotado pelas escolas da rede privada de ensino não passa por nenhum tipo de avaliação oficial antes de ser usado em sala de aula. Pelo fato desse material refletir no trabalho real desenvolvido pelo professor, indicando ainda a concepção de ensino da rede/sistema que o elaborou, é que se torna importante analisar a apresentação de propostas de ensino a serem efetivadas nas escolas.

Em estudo realizado em 2011, contemplado com bolsa PIBIC/CNPq, analisei a forma como dois dos sistemas de apostilados mais adotados na cidade de Jataí Goiás abordam o ensino de leitura e interpretação de textos escritos. Por uma questão ética, chamarei os referidos de sistema A (Sa) e sistema B (Sb).

Em linhas gerais, o material do Sa deixa de apresentar atividades voltadas para o desenvolvimento de capacidades implicadas na leitura proficiente, como o resgate de aspectos relevantes das condições de produção do texto, o reconhecimento do gênero e/ou do tipo

de texto em jogo, por exemplo. Por outro lado, são comuns atividades que exploram a compreensão global, a localização de informações explícitas, a inferência de informações implícitas. Ocorre, ainda, certo desfavorecimento de experiências significativas de leitura pela total ausência de definição de objetivos para as atividades apresentadas. É comum a falta de inserção do texto em seus contextos sócio históricos de produção, bem como uma baixíssima exploração dos recursos linguístico-textuais que promovem a construção da textualidade.

Em se tratando do material do Sb, é comum a apresentação de atividades de vestibular, mescladas com atividades do próprio sistema. Assim, percebe-se que o material apresenta variação entre trazer uma proposta própria para o ensino da leitura e apresentar atividades de vestibular elaboradas por diferentes universidades brasileiras. É bastante corriqueiro observar ausência de seleção temática dos textos apresentados, bem como nenhum tipo de exploração de valores semântico-pragmáticos do vocabulário. Em relação a ambos os sistemas, acontece ausência da articulação que deve existir entre os eixos oralidade, leitura, escrita e análise linguística.

Para concluir, ressalto que o material didático sozinho não consegue efetivar uma prática de ensino eficiente, tendo em vista que o papel do professor é extremamente relevante nesse processo. Além disso, tem uma grande responsabilidade pela interação do aluno com o material textual e discursivo apresentado, promovendo o conhecimento a partir dessa interação. Se o material didático for excelente, mas o professor não conseguir desenvolver uma prática de ensino eficiente com o mesmo, os resultados não serão positivos. Alguns pesquisadores afirmam que um material didático qualificado não produz efeitos positivos se o professor não souber ensinar os objetos apresentados por ele. Evidencia-se, assim, a necessidade de investir na formação do professor, para que ele saiba o que fazer em sala quando se depara com desafios que fazem parte do processo e para que saiba ampliar a abordagem didática apresentada pelo material a fim de desenvolver os letramentos do aluno em qualquer um dos eixos de ensino de Língua Portuguesa.

\* Professor de Linguística Aplicada no curso de Letras/ Câmpus Jataí



## COMUNIDADE PERGUNTA



**Como se dá a chamada “nota corte” no processo seletivo da UFG?**

Jady Neves

3º Ano A – Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (Cepae)



Inicialmente, esclarecemos que a UFG não trabalha com nota corte ou ponto corte. O que temos no nosso Processo Seletivo é uma convocação, por ordem de classificação e por categoria, até que se complete o número de vagas. Então, o que temos é a menor nota por categoria, ou seja, a nota do último convocado dentro do número de vagas. E essa classificação se segue nas chamadas seguintes do concurso.

Professora Luciana Freire  
Presidente do Centro de Seleção da UFG

CAI  
Coordenadoria de  
Assuntos Internacionais



## Capes/Brafagri oferece 14 vagas para intercâmbio na França

A Universidade Federal de Goiás (UFG) foi contemplada em mais dois projetos do Programa Capes/Brafagri, que consiste em parcerias universitárias brasileiras e francesas nas áreas de ciências agrônômicas, agroalimentares e veterinária, para fomentar o intercâmbio e estimular a aproximação das estruturas curriculares, inclusive a equivalência e o reconhecimento mútuo de créditos obtidos. Os dois novos projetos são coordenados pela Escola de Agronomia (EA), por meio dos professores José Alves Júnior e Robson Maia Geraldine. O primeiro dá continuidade a uma sólida parceria entre a UFG e a FESIA (*Fédération des Écoles Supérieures d'Ingénieurs en Agriculture*), que integra a Escola Superior de Agricultura de Angers (ESA), Angers; a Escola Superior de Agricultura de Purpan (EL Purpan), Toulouse; o Instituto Superior de Agricultura (ISA), Lille, e o Instituto Superior de Agricultura Rhône-Alpes (ISARA), Lyon. A outra parceria brasileira nesse projeto é a Universidade Federal do Ceará (UFC).

Participam do segundo projeto a UFG, a Universidade Federal do Paraná (UFPR), a Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e o Consórcio Agrenium, que reúne a AgroCampus Ouest (Rennes e Angers), a AgroParisTech (Paris e Nancy), a Montpellier SupraAgro e a Escola Nacional de Veterinária de Toulouse. A Escola de Veterinária e Zootecnia da UFG coordena um terceiro projeto, relativo ao edital Capes/Brafagri de 2010, sob a responsabilidade da professora Ligia Miranda Ferreira Borges (IPTSP). Nesse caso, a parceria se estende à ONIRIS – *École Nationale Vétérinaire, Agroalimentaire et de l'Alimentation Nantes-Atlantique* (Nantes) e a *Vetagro Sup* (Lyon). Quatorze estudantes da UFG das áreas citadas, incluindo os de Medicina Veterinária do Câmpus Jataí, poderão ser contemplados, em 2013, com bolsas de estudos provenientes desses projetos, que preveem mobilidade na França por um período de até dez meses.

